A determinação recíproca entre pathos e ethos discursivo. Ou, uns e outros.

Lígia Negri*

Resumo: *The aim of this paper is to discuss the influence of the interlocuteur's pathos on the constitution of the énonciateur's ethos, according to the characterization that these concepts have taken on recent discourse theories, since their classical rethoric conception. I will focus two different moments of a discourse constitution of a gaucho's ethos: first, I'll observe Irton Marx's separatist manifest (previously analysed by Barros, 1995, in a semiotic key); and, latter, I'll consider Vitor Ramil's aesthetic manifest, titled 'A Estética do Frio', (1992/2004). My analysis intend to verify how an author ethos could have been built, in both cases, each one assuming a gaucho's stereotype, wich is socially spread, as can be attested even at gaucho's jokes, brightly discussed by Possenti (2002).*

Palavras-chave: *ethos discursivo; pathos discursivo; alteridade discursiva; imagens de si.*

1. As noções de *ethos* e de *pathos* discursivo

As noções de *éthos* do enunciador e de *pathos* do enunciatário são incorporadas pelas recentes orientações teóricas em análise do discurso, a partir da

Lígia Negri é Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná.

concepção aristotélica da Retórica Clássica. Tais noções são revisitadas por Perelman/Tyteca em 1958 (tradução de 1996), no seu *Tratado de Argumentação*. A nova retórica, numa perspectiva que se poderia alinhar com a da semântica argumentativa, mas que hoje está mais associada ao desenvolvimento dos tratamentos ditos textuais.

Nas abordagens discursivas, tais noções têm lugar: inicialmente, na perspectiva de Pêcheux (anos 70/80), subsumidas ao que o autor chamou de 'jogo de imagens'; na teoria de Dominique Maingueneau sobre a cena enunciativa; em diversos autores que discutem a imagem que o sujeito tem de si no discurso (cf. R. Amossy, 2005); mas também, aqui entre nós, especialmente na abordagem de José Luiz Fiorin (2004) a propósito da caracterização do sujeito/autor projetado no discurso.

Este último autor apresenta uma discussão das duas noções, a de *éthos* e a de *pathos*, a partir mesmo da concepção aristotélica que estabelece três categorias para a demonstração e a prova do discurso. Em Aristóteles, tais categorias se constituiriam em: o *logos* (o discurso, propriamente dito); o *éthos* (o enunciador, o tribuno); e, o *pathos* (a audiência, o que recebe a palavra). Essa orientação propõe a ordenação discursiva e o peso dos argumentos retóricos conforme o imbricamento da relação entre essas três categorias. Sob essa perspectiva, Aristóteles afirma:

Há três coisas que inspiram confiança no orador, porque há três razões que nos levam à convicção, independentemente das demonstrações. São o bom senso, a prudência, a sabedoria prática (*phrónesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eúnoia*). Os oradores podem afastar-se da verdade por todas essas razões ou por uma dentre elas. Por causa da falta de bom senso, podem não exprimir uma opinião correta; por causa de sua malvadeza podem, mesmo pensando bem, não expressar aquilo que pensam; mesmo sendo prudentes e honestos, podem não ser benevolentes. Por essas razões, os oradores podem, mesmo conhecendo a melhor solução, não aconselhá-la. Não nenhum outro caso. (Retórica, II, 1378a, apud Fiorin, 2004, p.120-1)

Sobre essa passagem, Fiorin irá dizer:

esse passo da obra do estagirita deve ser lido, como nos mostram os comentadores, como uma descrição do *éthos* do orador. Um orador inspira confiança se seus argumentos são razoáveis, ponderados; se ele argumenta com honestidade e sinceridade; se ele é solidário e amável com o auditório. (FIORIN, 2004, p.121)

Este autor afirma ainda que o *éthos* está diretamente ligado à adesão do enunciatário ao discurso e que este adere porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom (cf.

Organon, Porto Alegre, n° 46, janeiro-junho, 2009, p. 205-217

MAINGUENEAU, 2005, p. 71-72; 2008, 64-65) e que o discurso ao construir um enunciador constrói também um enunciatário.

Essa dupla constituição da inter-relação eu/outro perpassa toda a perspectiva linguística ligada às orientações enunciativas e as que se constituíram nessas franjas e, nesse caso, por todos os tratamentos teóricos ligados ao discurso, que afirmam o primado do Outro sobre o eu.

Maingueneau (2008, pp. 58-59) também retoma a caracterização do *éthos* retórico, discute a diversidade que tal termo apresenta mesmo na concepção aristotélica e remete, ainda, à distinção que Ducrot faz entre enunciador e locutor enquanto-ser-no-mundo, que reapresenta a distinção apontada pelos pragmaticistas entre *mostrar* e *dizer*, de forma que o *éthos* se mostra na enunciação e não é dito no enunciado.

O *éthos*, para Maingueneau, também está ligado à construção da identidade, uma vez que cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em consideração as representações que os parceiros do discurso fazem uns dos outros. Esse autor se propõe a operar sobre a noção de *éthos* no que ele chama de gêneros "instituídos" por oposição aos gêneros conversacionais. Nos primeiros, os parceiros ocupam papéis pré-estabelecidos que permanecem estáveis durante o evento comunicativo e seguem rotinas mais ou menos precisas na organização textual. Afirma também que optou por uma concepção mais "encarnada" de *éthos* que apresenta não só uma dimensão verbal, mas também um conjunto de determinações físicas e psíquicas associadas ao que ele chamou de "fiador" (o enunciador). Sua concepção de *éthos* compreende, então, um *tom* (dimensão vocal), um *corpo* (características físicas) e um *caráter* (características psíquicas).

Reiterar, portanto, a importância do *pathos* na constituição do *éthos* do orador, e vice-versa, não apresenta nenhuma novidade e pode ser atestada em todos os autores citados. Por essa razão é que, para discutir a questão da alteridade, optei por investigar a questão que lhe é correlacionada, a questão da constituição da identidade, ambas tão indissociáveis como na metáfora saussureana do verso e anverso da folha de papel.

2. A construção da identidade discursiva: a co-determinação identidade/alteridade

Para observar a constituição de uma identidade no discurso, selecionei a representação identitária do gaúcho, não por algum tipo de adesão ou preferência, mas por ser essa uma das identidades nacionais mais consolidadas e sobre a qual há diferentes reflexões teóricas.

Organon, Porto Alegre, n° 46, janeiro-junho, 2009, p. 205-217

Há muitas representações sociais de identidades - nacionais e estrangeiras: a do brasileiro, do argentino, do americano, do português, do judeu, entre outras; e, tantas outras regionais, brasileiras: a do carioca, do mineiro, do baiano, do paulista, do nordestino. A maioria delas, para não dizer todas, opera com estereótipos, reduções muitas vezes caricatas de atributos dos representados.

A construção da identidade é uma questão complexa, certamente axiológica, que envolve diferentes dimensões: psicológica, social, ideológica e se dá como representação imaginária numa circunscrição histórico-social. O estereótipo também, segundo Possenti (2002) no texto em que discute a relação entre estereótipo e identidade, "deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (*frequentemente negativa*), eventualmente um simulacro." (p.156) ...este, uma espécie de identidade pelo avesso - uma identidade que um grupo não assume, mas que lhe é atribuída por um Outro.

Focalizarei, então, dois momentos da constituição discursiva de um *éthos* gaúcho, de um orador gaúcho: no manifesto separatista de Irton Marx, analisado por D. P. de Barros (1995); e, no manifesto estético de Vitor Ramil: *A Estética do Frio* (1992/2003).

O artigo de Barros discute o discurso separatista gaúcho a partir da análise do capítulo 10. "O país dos gaúchos - Manifesto do povo gaúcho", do livro *Vai nascer um novo país: república do Pampa gaúcho*, de Irton Marx. A análise que a autora faz desse discurso parte da perspectiva da teoria semiótica e procura demonstrar que é um discurso que se coloca como discurso da diferença, portanto, um discurso racista, numa concepção de racismo diferencialista (o racismo contemporâneo, do direito à diferença) e não de racismo discriminatório (da hierarquia das raças, o racismo colonial este presidido pela idéia ou pelo simulacro de 'nação').

Barros tece sua análise a partir das noções de relações, contratuais ou polêmicas, que envolvem os participantes do ato discursivo e demonstra, segundo a orientação da teoria semiótica, como o enunciador se constitui e constitui seu enunciatário de forma a mostrar que ele, enunciador, respeita as regras do jogo, isto é, se atém ao contratado, enquanto seu enunciatário não as respeita (sempre segundo a perspectiva do próprio enunciador), o que permite, portanto, a quebra desse mesmo contrato, da parte de quem se sente lesado, a saber, o enunciador.

Outro é o meu olhar para esse texto. Despertada para ele que fui, a partir da análise realizada por Barros 2003, proponho retomá-lo aqui para verificar a manifestação de um *éthos* discursivo.

O discurso de I. Marx, recortado do excerto escolhido por Barros que serve de base para a nossa análise, opera com uma representação da identidade que é tacitamente assumida por boa parte da comunidade gaúcha, é avalizada pelos que recaem sob essa caracterização: os gaúchos são hospitaleiros, trabalhadores, dignos. Vejamos:

Sabemos que durante dezenas de anos nós alimentamos grande parte do Brasil, mas o governo, ao invés de reconhecer esse fato, prefere fazer obras e investimentos em regiões cujos povos não possuem um mínimo de tradição em trabalhar e de pensar um pouco mais. São em sua enorme maioria simples predadores, destruidores da natureza, e por si nada fazem ou pouco produzem. Com raras exceções, paira o espectro da preguiça, da falta de vontade, em grande parte do Brasil. (p.54)

Nunca fomos e jamais seremos parasitas, pois produzimos quase tudo de fato e de direito e chegou o momento histórico de pararmos de alimentar ou enriquecer pessoas que nada ou quase nada fazem por si mesmas. Estamos sendo prejudicados há séculos pelos brasileiros em geral. (p.54)

Nossa realidade é bem outra. Temos uma tradição, uma filosofia de trabalho, de boa vontade e o nosso crescimento se deu pelo esforço, amor, luta e dedicação do nosso povo. (p.54) (apud BARROS, 1995, p.201)

Esse trecho permite verificar não só a construção de identidade que esse enunciador faz de si e de seus pares, os gaúchos, (aí constituídos como a *mesma* identidade), mas também do seu Outro, neste caso, os brasileiros, em geral.

Mas podemos nos perguntar: quem são os gaúchos? E ainda mais: e quem são os brasileiros? São, cada uma dessas identidades, uma só, homogêneas e uniformes?

Esse discurso apresenta cada uma dessas identidades como um bloco, sem nuances ou variações internas. Ele constrói a identidade gaúcha cheia de virtudes - e, portanto, compartilhada pelos que são compreendidos por esse traço - mas também a de seu Outro, os brasileiros - tomado em bloco, como um todo homogêneo - plena de defeitos. Nesse sentido, a identidade do brasileiro é um simulacro, imputada pelo discurso separatista: uma identidade *macunaimicamente* reduzida ao traço da preguiça, da inércia. É só essa constituição dos papéis, do enunciador e de seu outro, que permite a proposta de ruptura da união estável entre os participantes, a proposta da separação.

Cito ainda um segundo trecho desse discurso:

Nossas famílias deverão conduzir-se dentro de uma harmonia invejável. Sem brigas ou discussões, sem queixas e incompreensões descabidas. Nossos chefes de família *deverão abandonar* certas condutas ou certas práticas que só têm prejudicado e até destruído nossa gente. Nosso povo *deve abandonar* a prática da mentira, do beber em demasia, do lograr, do rir ou fazer os outros de bobo. *Deve abandonar* os hábitos nocivos tais como fofocar, desprezar ou caçar de alguém, maliciar a conduta ou o jeito das pessoas. *Não deve andar* sem bons modos, cuspir nas calçadas, andar mal barbeado, com mau cheiro, mal vestido e sempre apto a fazer algo que de uma forma ou de outra acabe por prejudicar o seu semelhante. A população do PAMPA *deve abandonar* a mania de fazer intrigas, ser maldosa para com as pessoas ou para com os animais (...) Nossos jovens devem se desenvolver sadios,

fortes e com uma grande vontade de contribuir na formação intelectual do povo do PAMPA. Todos devem adotar bons modos e abandonar aqueles que só os prendem às práticas impuras e que os conduzem a uma perdição total. Devem deixar de só pensar em sexo, em malícias, sacanagens, drogas, mentiras e fofocas. (p.142-143) (op. cit. p.202)

Agora, aí, onde está a diferença entre esse *eu* e o *outro* por ele instituído inicialmente?

O gaúcho, desse segundo trecho, é tão diferente do Outro instituído por ele no discurso anterior? Ele é isento de defeitos e de traços desabonadores de caráter?

Se “*Nosso povo deve abandonar a prática da mentira, do beber em demasia.....Deve abandonar hábitos nocivos...*” é porque ele os têm, não? E, portanto, esse ‘nosso povo’ em relação aos traços que o desabonam é igual àquele que é apresentado como seu oponente.

O *éthos* do enunciatário do discurso separatista busca o *pathos* entre os que considera iguais e se constrói com esse objetivo. Se considerarmos a tríade proposta por Aristóteles para caracterizar os diferentes *ethé* retóricos poderíamos dizer que o *éthos* predominante é a *eúnoia*. É a adesão da audiência para a sua causa e para as suas teses, que esse Marx busca, mais do que qualquer outro traço do caráter do enunciatário é esse que predomina.

É esse tipo de *éthos* enunciatário que predomina nos discursos separatistas de modo geral: quem evoca razões para romper a coesão estabelecida alega sua boa fé e eficiência, bem como a ineficiência, a falta de idoneidade ou sem-vergonhice do outro. Essa alegação dos vícios e virtudes já aparece na análise de Barros sobre esse discurso, acima citada, ainda que o foco da autora aí não fosse uma análise voltada para o *éthos* do enunciatário e sim para uma análise semiótica do discurso.

Como já aludi no início deste artigo, uma outra discussão a respeito da identidade ou do estereótipo identitário do gaúcho é apresentada num artigo de Possenti (2002), num artigo em que discute representações identitárias em piadas. Faço aqui apenas uma referência pontual a ele porque essa análise não focaliza propriamente um discurso ‘autoral’, mas sim um discurso (quase que anônimo) que projeta uma imagem de gaúcho: a identidade é uma atribuição feita por outro, por aquele que aciona o discurso humorístico, um simulacro, uma redução da identidade a um traço que não é necessariamente nem o mais importante e muito menos o mais prestigioso.

Possenti pondera que uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos: um discurso público e positivo, nesse caso particular o da propalada *macheza* do gaúcho, a um discurso que ele chama de ‘subterrâneo’, de certa forma reprimido, nesse caso o da suposta homossexualidade (*‘veadice’, sic*) do gaúcho. O traço positivo pode ser dado pela constituição de um estereótipo básico assumido pelo próprio grupo: o gaúcho é macho, porque peleia

pelo pampa, assa churrasco, toma mate amargo, etc. O discurso que passa a circular nas piadas opõe a esse estereótipo um traço negativo, o seu inverso mais baixo, o simulacro rebaixado, nesse caso o oposto da ‘*macheza*’: a ‘*veadice*’, se o gaúcho diz que é *forte*, que é *macho*, o discurso subterrâneo dirá que ele é *fraco*, *viado*.

Será que é possível falar de um *éthos* discursivo desse gênero humorístico?

O que se pretende quando se conta uma piada?

Mais, quem é que é escolhido para pagar o pato da execração chistosa?

Gaúchos, loiras, argentinos, freiras e outros tantos mais, ou melhor, suas representações sociais, seus simulacros.

Se se pode depreender um *éthos* enunciatário nesses discursos humorísticos, este seria constituído principalmente pelo desejo de provocar o riso, a adesão humorada, o reconhecimento da própria verve de quem o enuncia.

O *éthos* é sempre *eúnoia*, mas qual a diferença entre essa situação e a de um outro discurso solidário com a audiência? Se o traço definidor é o do *éthos* unicamente, nenhuma. No entanto, observe-se que não é em qualquer circunstância que se contam piadas, nem para qualquer grupo social. Portanto, a identificação do *pathos* do enunciatário é fundamental para que o enunciatário ‘acerte a mão’ ao contar a piada, para que este obtenha a adesão e não a reprovação do enunciatário.

Feita essa digressão sobre a questão do enunciatário propriamente dito, justificada - acredito - pela pertinência e adequação da análise formulada por Possenti a respeito da construção lingüístico-discursiva da identidade ou da construção identitária no discurso chistoso, especialmente do gaúcho, volto à análise em tela.

Passo, então, ao segundo discurso selecionado para verificar a representação da identidade gaúcha. O compositor, cantor e escritor, Vitor Ramil escreveu seu manifesto estético *A Estética do Frio*, publicado em 1993 numa coletânea *Nós, os gaúchos*, organizada por Gonzaga e Fischer, que agrupa algumas dezenas de artigos, de diferentes áreas, sobre o Rio Grande do Sul. A coletânea é organizada em 8 (oito) seções, assim intituladas: “Nós e o Resto do Mundo”; “NósQuem?”; “Então nos Pilchamos”; “No Tropel da Memória”; “Sentinelas de Quê?”; “Fandango da Cultura”; “A Cidade que não Está no Mapa”; e, “Atrás da Alma Macanuda”.

O manifesto de Ramil se encontra numa seção do livro que se intitula “Atrás da Alma Macanuda” e alguns dos outros artigos dessa mesma seção, para dar uma idéia do teor dessa unidade, são: “Como era bom ter inimigos”, de Luís Augusto Fischer; “Gaúchos, existem?”, de Sérgio da Costa Franco; “O laçador de palavras”, de Flávio Aguiar e “Da alma brizólica”, de Cláudia Laitano.

Em 2004, Ramil republicou, numa versão bilíngüe português-francês, esse manifesto, ligeiramente ampliado, que havia sido apresentado em Genebra, na

Suíça, num evento denominado *Porto Alegre, un autre Brésil*, em junho de 2003.

Não discutirei aqui o estilo desse manifesto, à moda dos manifestos modernistas, e numa remissão explícita a Poe. Também não me deterei na intertextualidade aí presente, com os autores citados e, especialmente, com Ítalo Calvino e as suas *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (este)¹. No entanto, não posso deixar passar sem comentário essa intertextualidade, aliás presente não só no manifesto mas também na faixa *Milonga das sete cidades*, do disco *Ramilonga* (1997), cuja letra também aparece na orelha de capa do manifesto de 2004. Nessa letra o autor aciona, além das *Seis propostas*, outra obra de Calvino, *As cidades invisíveis*. Ela é o seu manifesto poético enquanto que *A Estética* o é em prosa.

Eis a letra:

Fiz a milonga em sete
Cidades
Rigor, Profundidade,
Clareza
Em Concisão, Pureza
Leveza
E Melancolia

Milonga é feita solta no
Tempo
Jamais milonga solta no
Espaço
Sete cidades são sua
Morada

Em Clareza
O Pampa infinito e exato me
Fez Andar
Em Rigor me entreguei
Aos caminhos mais sutis
Em Profundidade
A minha alma eu encontrei
E me vi em mim

Fiz a milonga em Sete
Cidades
Rigor, Profundidade,

¹Não vou me ater aqui a uma análise dos elementos constitutivos da intertextualidade/interdiscursividade entre os autores apontados, uma vez que não é este o foco deste trabalho. Contudo, é evidente a presença dos textos de Calvino no manifesto de Ramil.

Clareza
Em Concisão, Pureza,
Leveza
E Melancolia

A voz de um milongueiro
Não morre.
Não vai embora em nuvem
Que passa
Sete cidades frias são sua
Morada

Concissão tem pátios
Pequenos
Onde o universo eu vi
Em Pureza fui sonhar
Em Leveza o céu se abriu
Em Melancolia
A minha alma me sorriu
E eu me vi feliz

Os nomes das sete cidades escolhidos por Ramil: *Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Leveza e Melancolia* remetem claramente às *Seis propostas* (valores éticos mais do que literários que mereceriam passar para o próximo milênio) de Calvino: *Leveza, Rapidez, Exatidão* (rigor), *Visibilidade* (clareza?) e *Multiplicidade*, numa alusão clara da pertinência dessas propriedades apontadas pelo escritor europeu e assumidas por Ramil.

Por outro lado, é bom lembrar, ainda, que a história do Rio Grande do Sul registra os *Sete Povos das Missões do Uruguai*, agrupamentos de colonização jesuíta que se localizavam a leste do Rio Uruguai, na região noroeste do RS, que em 1750 passam ao domínio português. Não parece, portanto, gratuita a escolha de Ramil pelo número cabalístico, *sete*, ao invés do *seis* de Calvino. *Sete* são as cidades, como *sete* eram os povoados missionários, mas seus nomes são *Rigor, Clareza, Leveza*, como são as *Propostas*. Além disso, o formato de seu texto, se quisermos, o gênero escolhido, é o de um manifesto estético, numa adesão explícita aos moldes literários.

Feito esse breve comentário sobre as diferentes vozes que podem ser identificadas no discurso do compositor gaúcho, volto ao texto do manifesto, na primeira versão. Ele inicia:

“ Junho

Esperei a tarde toda por uma tempestade de vento vinda de Porto Alegre. Anoiteceu. A chuva fina voltou a cair e a parar de cair sobre Satolep. A umidade faz os vidros e as tijoletas suarem; mofa os discos, amolece e empena as capas dos livros. É junho.

Outro junho

Estou em outro junho. Estou no meu apartamento em Copacabana, Rio de Janeiro, de calção e chinelo, assistindo ao Jornal Nacional na TV. Assisto uma matéria sobre uma festa popular na Bahia. As imagens: um trio elétrico sobre um caminhão arrastando milhares de pessoas seminuas, pulando, suando, bebendo e cantando sob um sol furioso. Não consigo me imaginar atrás daquele trio elétrico. *Não consigo me sentir próximo do espírito daquela festa, embora esteja igualmente seminu e com calor e a notícia seja apresentada num tom de normalidade, como se aquilo fizesse parte do meu dia-a-dia.* Assisto a seguir uma matéria sobre a chegada do frio no sul. Vejo o Rio Grande do Sul. Vejo campos cobertos pela geada na luz branca da manhã, vejo crianças escrevendo com o dedo nos vidros dos carros, vejo homens de pala andando de bicicleta, vejo águas congeladas, vejo gente esfregando as mãos, gente de nariz vermelho, vejo a expectativa de neve na serra, vejo o chimarrão fumegando. *Seminu e com calor, reconheço imediatamente aquele universo como meu.* Mas as imagens agora são apresentadas num tom de anormalidade, de curiosidade, de quase incredulidade, como se estivessem chegando de outro país - fala-se em "clima europeu" -, o que faz com que eu me sinta estranhamente isolado, mais do que fisicamente distante. *Tenho a incômoda sensação de estar no exílio e ver, ao mesmo tempo, o Rio Grande do Sul de perto, por dentro e além das imagens. Percebo, então, o quanto me sinto separado do Brasil.*

Mais que isso, percebo o quanto o gaúcho se sente e o quanto realmente está separado do Brasil. Só o fato de um sentimento separatista estar assim latente no espírito do gaúcho já é suficiente para que se estabeleça separação e distância. Acreditar não ser ou não querer ser brasileiro e ao mesmo tempo saber que, mais do que fisicamente ligado ao Brasil, ele é irreversivelmente brasileiro - porque no fundo sabe que esta separação é impossível -, deixa o gaúcho num misto de frustração e impotência que o leva, inevitavelmente, a ter que administrar um sentimento de inferioridade. Uma simples manobra de compensação - uma manobra de sobrevivência - basta para que esse sentimento de inferioridade transforme-se em sentimento de superioridade. E pronto. O gaúcho se sente superior ao brasileiro. Separação e distância." (RAMIL, in GONZAGA, FISCHER, 1993[2], p.262-3)

Ramil toca no cerne da questão: a representação da identidade, gaúcha e brasileira, vista pelos gaúchos e pelos brasileiros. Ele irá se indagar sobre como essa identidade é constituída e se apercebe que ela se dá por meio de clichês, que não passam de reduções, diríamos de estereótipos. O seu manifesto identitário e estético passa, então, pela recusa da rotulagem reducionista de parte a parte: que os brasileiros fazem dos gaúchos, que os gaúchos fazem de si mesmos e dos brasileiros. São, ainda, suas palavras:

Até quando essa dieta de brasilidade que nós gaúchos nos impomos? Aonde isso nos levará? E até quando essa dieta gaúcha que impomos ao Brasil, reduzindo-nos numa estreita e auto-indulgente visão caricata de nós mesmos e do nosso

mundo?....Por que não soar "normal" se somos brasileiros, se estamos fisicamente ligados ao Brasil, se fazemos parte da cultura nacional? Será que estamos fadados a que toda e qualquer expressão nossa soe sempre "folclórica"? (op. cit. 264)

Não vou discutir aqui, por questões de foco, como essas preocupações irão levar o músico à postulação de um traço definidor de uma identidade que contemple uma brasilidade gaúcha ou uma gauchidade brasileira - uma "gauchilidade" (termo meu): uma simbiose dessa dupla constituição identitária, que permita incorporar o que há de mais enriquecedor, criativo e produtivo de cada um desses traços e, dessa forma, projetar o seu manifesto estético, fundado especialmente numa concepção 'fria', gaúcha, ao invés de tropical, simulacro de brasileira. Dupla recusa das soluções fáceis, dos simulacros à disposição: do nativismo gaúcho, como única expressão estética possível para representação estética gaúcha e da manifestação brasileira, dos ritmos tropicais - samba, axé e pagode.

Interessa-me, aqui, principalmente atestar como esse enunciador constrói, ou melhor, projeta um *êthos* discursivo:

- ponderado, como um enunciador que se exprime pela prudência e emite opiniões competentes e razoáveis, sobre a sua identidade regional e sobre o pertencimento ao país?;
- solidário, porque mostra simpatia pelo enunciatário, que são todos os gaúchos mas também (os) brasileiros?;
- ou, um virtuoso, porque sincero e franco ao expor os seus pontos de vista?

É possível identificar no discurso de Ramil traços dos três tipos básicos de *ethé* propostos por Aristóteles: *phronesis*, *eúnoia* e *areté*. É possível, entretanto, identificar o predomínio de um deles?

É provável que, dado o gênero de discurso em que ele se pronuncia, a última seja a aposta mais provável: um manifesto é um testemunho, uma carta de intenções de natureza estética, é o lugar da afirmação da criatividade e da inovação. É o lugar da profissão de fé do autor/criador, da explicitação das suas convicções estéticas e literárias. Tem seu formato definido em grande parte pelo que espera dele e, portanto, pela demanda do *pathos*. Assim, para o seu autor, asseverar a sua percepção e a sua concepção estética é o esperado.

É assim que lemos Marinetti, os modernistas e também Vitor Ramil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Focalizei aqui três projeções de discurso gaúcho, todas operando com a representação social ou com o simulacro do gaúcho na sociedade brasileira, duas delas vozes autorais propriamente ditas.

Cada enunciador, no entanto, manifesta sua marca autoral a partir das escolhas possíveis e da interação com o seu alocutário, estabelecendo uma relação mais conservadora ou mais cúmplice, conforme as possibilidades.

Marx apela para o seu correligionário gaúcho que se sente explorado pelo Brasil e desenvolve o seu discurso no sentido de co-optar esse enunciatário para uma adesão cega e intransigente aos seus preceitos e, nesse sentido, estreita a concepção da identidade gaúcha, homogenizando-a e restringindo-a.

Ramil modula a questão identitária brasileira e gaúcha, flexibiliza a constituição de ambas no sentido de demonstrar a sua heterogeneidade constitutiva: há uma diversidade visceral em ambas. O seu discurso é o da tolerância e o da diversidade criativa. Dirige-se, certamente, a outro tipo de enunciatário, seja no raio imediato do próprio estado, seja no da ampla dimensão do país.

Ambos os autores buscam a cumplicidade com o enunciatário, diversamente constituído pelos seus próprios discursos.

Concluo, afirmando o que hoje é óbvio, que é o outro que dá a dimensão da diferença e, portanto, é o que permite a percepção e a constituição da identidade. O homem não existe sem a linguagem e não há linguagem sem o outro.

Temos, então, o paradoxo da identidade: de um lado, o sujeito só pode ser percebido na sua totalidade enquanto duplo: eu/outro, enquanto ser cindido: Dr Jekyll/Mr. Hyde; por outro lado, só se aceita, apaixona-se por si mesmo, quando se vê no espelho - físico ou metafórico, quando percebe o outro idêntico: Narciso.

A pergunta aqui poderia ser: quem instituímos como Mr. Hyde e como nos reconhecemos narcisisticamente?

Quais os elos que estabelecemos com o *pathos* que nos definem o *éthos*?

As respostas podem parecer óbvias, mas não são fáceis. São, contudo, resultado das imbricações sociais e das relações que definem os papéis sociais dos indivíduos envolvidos nos atos discursivos que os constituem.

A título ilustrativo, numa outra chave, em relação à alteridade cito um comentário de minha mãe, a propósito de um episódio familiar, depois da morte da irmã, ocorrida um ano antes, com quem conviveu a vida toda:

— "Agora que ela se foi, perdi meu passado."

O passado, portanto, não depende da memória do indivíduo, do registro neurológico-mental, psico-fisiológico, mas do compartilhamento dessa história com uma alteridade cúmplice.

Bibliografia

AMOSSY, Ruth. *Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

Organon, Porto Alegre, nº 46, janeiro-junho, 2009, p. 205-217

BARROS, Diana L. Pessoa de Preconceito e Separatismo no Discurso: Um Discurso Separatista Gaúcho,

in *Organon* 23, vol.9, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995.

CALVINO, Italo *Seis Propostas para o Próximo Milênio: lições americanas*. São Paulo: Cia.

das Letras, 1990.

—. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FIORIN, José Luiz O *Éthos* do enunciador, in CORTINA, Arnaldo,

MARCHEZAN, Renata C. (orgs.),

Razões e Sensibilidades: a semiótica em foco. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP, São Paulo:

Cultura Acadêmica, 2004.

GONZAGA, Sérgio, FISCHER, Luiz A. *Nós, Os gaúchos*. 2a. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS,

1993.

MAINGUENEAU, Dominique *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

—. *Éthos*, cenografia, incorporação. in AMOSSY, R. *Imagens de Si no Discurso: a*

construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

POSSENTI, Sírio Estereótipos e identidade: o caso nas piadas, in *Os Limites do Discurso*. Curitiba: Criar,

2002.

RAMIL, Vitor A estética do frio, in GONZAGA, S., FISCHER, L. A. (orgs.)

Nós, Os gaúchos. 2a. ed. Porto

Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

—. *A Estética do Frio*. Conferência de Genebra. Vitor Ramil - Porto Alegre: Satolep. 2004.